

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação <b>Fazenda Campos Elíseos</b>	código <b>AIII - F1O - RF</b>
localização <b>Estrada do Guaritá, 3º distrito, sub-distrito de Comércio, Taboas</b>	
município <b>Rio da Flores</b>  época de construção <b>séc. XIX</b>  detalhamento do estado de conservação <b>no corpo da ficha</b>  uso atual / original <b>residencial / fazenda de café</b>  proteção existente / proposta <b>nenhuma / tombamento</b>  proprietário <b>particular</b>	

## situação e ambiência

A fazenda está localizada a 4Km do sub-distrito de Comércio, apresentando dois acessos, um principal, localizado à frente da área de trabalho remanescente do período do café, e, outro lateral, à margem da estrada de acesso às áreas de pastagens da fazenda.



26



44

coordenador / data equipe histórico / revisão	<b>Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007</b> <b>Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias</b> <b>Adriano Novaes / Fernando Pozzobom</b>	revisão / data <b>Alberto Taveira - mar 2008</b>
---	---	---

A casa-sede está assentada sobre um platô, possivelmente aterrado, tendo aos fundos e à sua direita, muros em alvenaria de pedra.

De acordo com o tipo de implantação da área de trabalho para produção do café, podemos constatar a existência do antigo terreiro à frente da casa-sede, hoje coberto por um extenso gramado. Ao seu lado direito encontramos duas construções térreas (bloco B), remanescentes da antiga tulha e engenho. Tal afirmação é possível, uma vez que ainda encontramos no local a antiga roda d'água, atualmente desativada e que era utilizada para o beneficiamento do café, implantado na fazenda no século XIX. À sua esquerda encontramos três construções térreas (blocos C, D e E) que, provavelmente, configuravam a antiga senzala, hoje destinada a apoio da fazenda.

Os blocos B e C acompanham a declividade do terreno, de tal forma que, pela face frontal, aparentam ser construções térreas e, pelos fundos, sobrados.

Diante dessas informações, percebemos que o tipo de ocupação predominante em que a casa sede “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”<sup>1</sup>, foi adotado como modelo.

1. Miranda, A. R., Czajkowski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



Fazenda Campos Elíseos, s.a., s.d. (Acervo ARTUR)

De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede divididas em cinco categorias, extraídas do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a casa-sede da Fazenda Campos Elíseos se enquadra no quinto tipo: “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou “habitável” – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor.” (fotos 44 e 45)

Apresenta características de casa térrea, assentada sobre porão elevado do solo, com três acessos ao seu interior. O acesso principal está localizado em paralelo à fachada frontal, através de uma escada que atinge um patamar ao nível da porta de entrada. Os outros acessos estão localizados na fachada dos fundos, e se abrem ao serviço e à sala de jantar.

A entrada principal se abre para um vestíbulo, tendo à sua esquerda uma sala de estar e, à sua direita uma sala de televisão. Aos fundos podemos observar a existência de sala de jantar que se abre para um pátio de fundos, definido pelos corpos laterais, que formam com o frontal um desenho de “U” coberto por telhados de quatro águas. O corpo à esquerda é constituído por quarto, banheiro, copa e cozinha. O corpo à direita é formado basicamente por quartos com banheiros.

Algumas intervenções foram realizadas com o intuito de adaptação às necessidades atuais de moradia, como subdivisão de cômodos para criação dos compartimentos para banheiros; demolição de trechos da alvenaria histórica e modificação das esquadrias. Estas podem ser percebidas se observarmos o sistema de proporções, relação e ritmo, estabelecido por uma arquitetura de matriz clássica.



De acordo com o tipo de implantação da área de trabalho para produção do café, podemos constatar a existência do antigo terreiro, à frente da casa-sede e hoje coberto por um extenso gramado, tendo à direita duas construções térreas constituídas por blocos retangulares (bloco B) cobertas por telhados de quatro águas. Esse bloco B sofreu várias intervenções de adaptação ao uso atual. Dentre elas, a criação de compartimentos para restaurante e banheiros; execução de lajes em concreto, além de novas aberturas para as esquadrias. Tudo leva a crer tratar-se dos antigos tulha e engenho, pois ainda é possível observar o sistema de beneficiamento do café por força hidráulica (roda d'água), implantado na fazenda ainda no século XIX. Atualmente esse sistema se encontra desativado. À esquerda encontramos três construções térreas (blocos C, D e E), provavelmente a antiga senzala, hoje destinada a apoio da fazenda. Essas construções configuram-se como blocos retangulares, cobertos por telhados de duas e três águas. Podemos observar nessa edificação a descaracterização de fachadas, com a introdução de esquadrias variadas.

Os beirais apresentam cimalha de madeira na casa-sede e cachorros modificados na residência (bloco B).

Os vãos de portas e janelas possuem verga reta na casa-sede e nos blocos B, C, D e E, apresentando sobrevergas somente na casa-sede. As janelas contam com tipos de esquadrias guarnecidas por venezianas, guilhotinas e folhas cegas, enquanto que as portas mantêm modelos com caixilhos de vidro; almofadadas com bandeiras; folhas cegas com bandeiras e caixilhos de vidro com bandeiras, bem como no padrão de mercado contemporâneo.

O conjunto apresenta sistema construtivo em estrutura autônoma de madeira de seção quadrada, com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva, mas a mesma foi constatada através do afloramento da estrutura autônoma de madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e pela espessura das vedações.



43



45

As construções encontravam-se abertas, permitindo a livre circulação de ventilação em seu interior, exceto em parte dos blocos B, C, D e E. Não existe a proximidade de encostas ou edificações altas que criem áreas de sombreamento que impeçam a radiação solar direta. Observamos, entretanto, áreas específicas do terreno mais úmidas nos fundos do bloco B e na lateral esquerda da casa-sede.

Identificamos a existência de passeios e lajes de pedra nas faixas de terreno ligadas diretamente ao nascimento das paredes, com o escoamento das águas pluviais ao centro ou acompanhando a declividade do terreno (f.05, 06, 28, 35, 36, 37 e 38).

As instalações elétricas estão sem proteção nos blocos B, C, D e E (f.39) e embutidas na alvenaria histórica, com utilização de argamassa de cimento para fechamento de seus rasgos, na casa-sede e residência localizada no bloco B. Notou-se a passagem de instalações de esgoto pela estrutura de barrotes de piso, nos blocos B e C (f.40 e 41).

Há descolamento da pintura nos forros de madeira do tipo saia e blusa, em vários cômodos da casa-sede.

É freqüente a descaracterização de fachadas, com a substituição de esquadrias, característica observada em todos os blocos.

Foram criados novos compartimentos localizados na área externa, como casa de gás, compartimento para equipamento de aquecimento de água e fogão a lenha (f.42 e 43).

Foram observadas manchas de umidade na alvenaria de embasamento em pedra, devido à passagem de tubulação de água fria, no bloco C (f.01), bem como manchas de umidade nas faces externas das alvenarias de embasamento em pedra, com descascamento da pintura, na casa sede e bloco B (f.02, 03, 04, 05 e 06). Não pode ser constatada a parte interna desse porão elevado, visto que a equipe não teve acesso ao seu interior. Percebemos trechos do embasamento vedados com argamassa de cimento, nos blocos B e C (f.08, 09 e 10), bem como a retirada da alvenaria de embasamento em pedra (histórica) e a construção de nova alvenaria de embasamento, também em pedra, para abertura do compartimento Restaurante, no bloco B (f.11, 12 e 13).

Foram construídas novas alvenarias em tijolo maciço para a criação de sanitários, na casa-sede e nos blocos B e C (f.14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20), entretanto, há fissuras devido à incompatibilidade entre os materiais atuais e vetustos, como nos trechos com argamassa de cimento sobre alvenaria histórica, na parede divisória entre o Estar e o Escritório (f.21).

Na cobertura observou-se o arqueamento de peças de madeira como frechais, pernas e cachorros, devido ao apodrecimento de parte do madeiramento do telhado da casa-sede e do bloco B (f.22 e 23). Há manchas de umidade nos elementos em madeira, como cimalkhas, sobrevergas e beirais em cachorros, em vários pontos da casa-sede e do bloco B (f.24, 25 e 26).

A estrutura de madeira apresenta fissuras localizadas acima da verga das portas internas, provavelmente, devido ao selamento da estrutura de barrote de piso, na porta de acesso ao escritório (f.27). Como paliativo para as bases de esteios apodrecidas, estas foram encapadas por estrutura em concreto, no bloco C (f.28 e 29). Ficou patente a sobrecarga da estrutura de barrotes de piso, devido à execução de lajes em concreto sobre estes, na casa-sede, especialmente na copa e cozinha e nos banheiros (f.19, 30, 31 e 32). Foi retirada parte dos baldrames em madeira, no bloco E (f.33) e notou-se o apodrecimento das peças de madeira, como baldrames e esteios, nos blocos B e E (f.08, 23, 34 e 35).



01



02



03



04



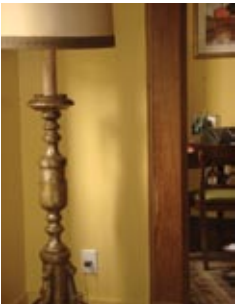
05



06



20



21



22



28



29



30



31



33



34



35



36



37



38



39



40



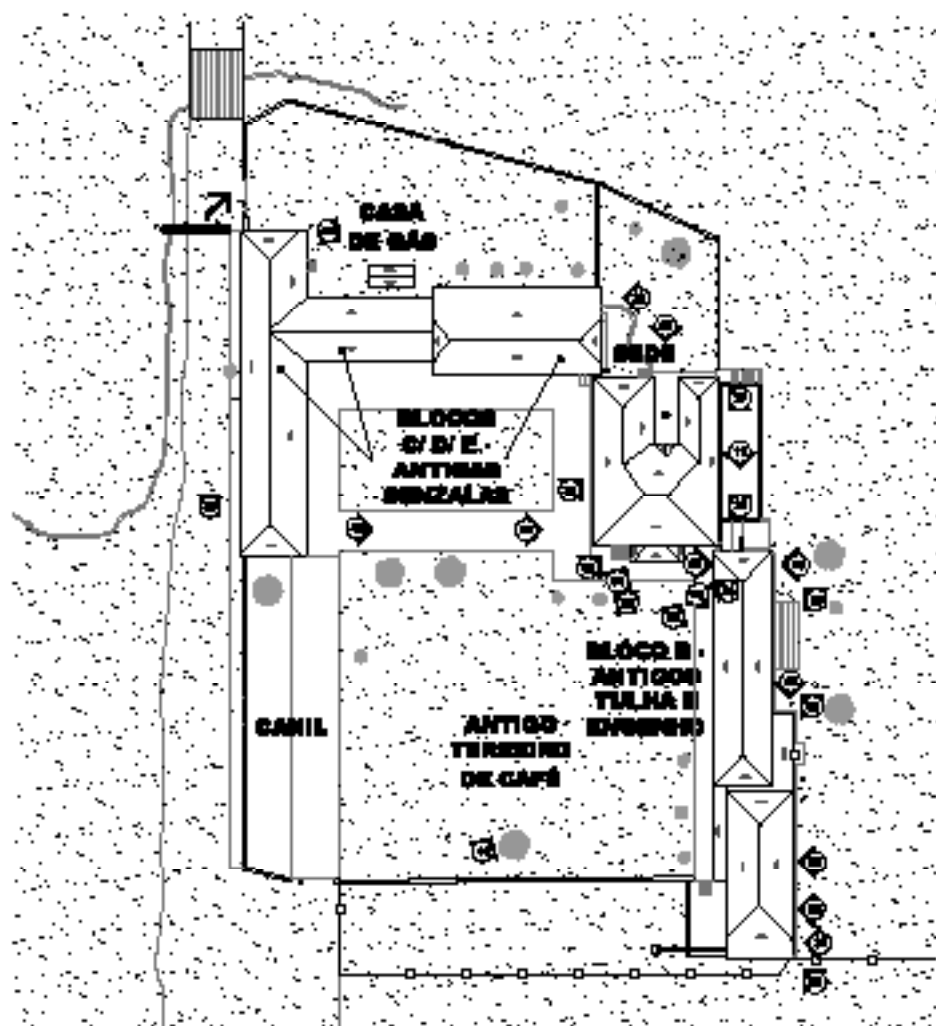
41



42

**Legenda:**

1. O bloco II é a edificação construída como residência e restaurante;
2. Os blocos I, D e E abrigam as dependências do apoio da fazenda.



**1** **FAZENDA CAMPOS ELYSEOS**  
 Planta de Situação escala 1/1000





A Fazenda Campos Elíseos foi aberta em terras da sesmaria concedida, em princípios do século XIX, a José Joaquim França que, impossibilitado de explorá-la, vendeu-a ao capitão Joaquim José de Araújo Maia.

Em fins do século XVIII, desanimado com o fim da extração de ouro nas Minas Gerais, Maia resolveu deixar a Vila do Príncipe, atual Serro, e tentar vida nova na desabitada região do Vale do Paraíba, onde se casou com Teodósia Vieira da Cunha, filha de importante fazendeiro, que também havia migrado de Minas, vindo de Bom Sucesso. Após o enlace, o casal mudou-se para a fazenda adquirida na margem do Paraíba que batizaram de Bom Jardim.

Nos primeiros anos do desbravamento, Maia dedicou-se à lavoura de subsistência, com a produção comercializada para as inúmeras tropas que demandavam às minas, ou dali regressavam, em direção ao litoral, via Estrada do Comércio. Esta importante artéria, construída em 1816, trouxe muitos benefícios ao Vale, principalmente às sesmarias que próximas a ela foram demarcadas.

Do casamento de Joaquim José com Teodósia, nasceram sete filhos, que se tornaram posteriormente figuras proeminentes da sociedade cafeeira fluminense. A filha Bárbara Albina casou-se com o ilustre engenheiro Christiano Benedicto Ottoni – construtor e primeiro presidente da Estrada de Ferro D. Pedro II, a mais importante ferrovia do Brasil Imperial – que foi deputado e senador do Império. Outro filho do casal que se notabilizou foi Honório, que veio a se tornar o Barão de Araújo Maia.

Maia morreria em 1847, e seu inventário mostra uma fazenda ainda modesta, no capital e na renda, com vivenda e mobília toscas. As terras estavam divididas em duas fazendas, a de Bom Jardim e a de Santa Bárbara, esta última explorada por Christiano.

Após a partilha dos bens do casal, a viúva Teodósia, tutora dos filhos menores, requereu ao juiz autorização para vender a parte que lhe tocou na herança, assim como a de seus filhos menores, com a justificativa de que compraria outras terras em Cachoeira de Itapemirim, província do Espírito Santo. A venda foi feita através de leilão em hasta pública, com o pregão ocorrendo em 1851 e a fazenda sendo arrematada pelo vizinho fazendeiro, o major Peregrino José da América Pinheiro, senhor da Fazenda do Oriente.

Desde então Bom Jardim se tornaria uma das maiores produtoras de café da região. Assim que tomou posse da fazenda, o major Peregrino mudou a denominação da nova propriedade para Campos Elíseos. Embora nunca tenha residido nesta, construiu nova sede e ampliou as instalações e cafezais. Nesta época, contava Campos Elíseos com uma área de 1.693.500 braças quadradas e uma plantação de 12 mil pés de café, nove alqueires de milho, um alqueire de arroz e 33 escravos.

Coronel reformado da Guarda Nacional de Valença, Peregrino José da América Pinheiro foi um dos grandes aristocratas do café, e era também fidalgo com exercício na Casa Imperial e Comendador da Imperial Ordem de Cristo.

Com a idade de 11 anos transferiu-se para Valença, em companhia de seus pais, quando ali fundaram a Fazenda de São João. Muito jovem ainda alistou-se nas fileiras da Guarda Nacional, sendo promovido ao posto de capitão, em 1837, e ao posto de major, em 1842. Em janeiro de 1849, conferiu-lhe o governo Imperial a nomeação de 1º Juiz Municipal e de Órfãos. A 16 de maio de 1849, foi promovido ao posto de Coronel-Chefe da 8ª Legião da Guarda Nacional, do município de Valença. Em julho de 1852, foi nomeado Comandante Superior da Guarda Nacional dos municípios de Valença e Paraíba do Sul.

Com o Decreto de 25 de março de 1855, elevando o coronel Peregrino ao grau de Comendador da Ordem da Rosa, deu o governo mais uma prova do alto apreço em que tinha o grande agricultor de Valença. Com 23 anos de serviço à Guarda Nacional, foi Peregrino reformado em 1860, no posto de coronel, com honras de Comandante Superior dos municípios de Valença e Paraíba do Sul.

Foi também sócio-fundador do instituto Fluminense de Agricultura, importante instituição criada em 1861, sob o influxo de Sua Majestade, o Imperador. A 26 de dezembro de 1866, foi agraciado com o título de Barão de Ipiabas, e, a 23 de abril de 1867, com as honras de grandeza ao mesmo título.

Por serviços prestados à instrução pública, foi o Barão de Ipiabas agraciado com a Comenda da Ordem de N. S. Jesus Cristo, em 29 de outubro de 1873. Finalmente, em 17 de junho de 1882, foi o Barão agraciado com o título de Visconde de Ipiabas.

O Visconde de Ipiabas faleceu em sua fazenda do Oriente em 1882, no auge de seu prestígio e de sua fortuna. Fortuna esta composta na sua maioria por propriedades na Corte do Rio de Janeiro, como por exemplo, o palacete da rua do Costa; casa em Valença e Comércio; centenas de ações e grande quantidade de terras divididas em cinco grandes fazendas: Oriente, Campos Elíseos, Santa Rita, Conceição e São João.

Na ocasião da morte do Visconde, Campos Elíseos encontrava-se na seguinte situação: 88 escravos trabalhando em 130 e meio alqueires de terras em cafezais, 39 em mata, nove em capoeira; havendo 182 mil pés de café; muitos animais, em sua maioria suínos.

Realizada a partilha dos bens entre os herdeiros, a fazenda Campos Elíseos foi dividida em três partes. À viúva coube a sede, benfeitorias e mais 74 alqueires de terras; ao filho, que veio a se tornar o segundo Barão de Ipiabas, houve terras na divisa de sua fazenda Guaritá e, ao genro, Benjamim Sales Pinheiro, também terras na divisa com sua Fazenda de Santo Antônio.

Quando da morte da Viscondessa, em 15 de novembro de 1889, e depois de realizada a partilha dos bens, a Fazenda Campos Elíseos coube por inteira ao genro, o Barão da Aliança, que nesta época já possuía as fazendas Saudade e Santa Maria. Ele resolveu vender a fazenda em 1895, juntamente com as outras duas acima mencionadas, para então adquirir a milionária fazenda Flores do Paraíso.

Desde então, Campos Elíseos viveu a decadência com a derrocada do café no Vale do Paraíba. Em 1900, Campos Elíseos encontrava-se hipotecada e seu cafezal era composto de 165 mil pés de café. Em 1906, após o resgate da hipoteca, seu proprietário, Alfredo Vieira Machado resolveu vendê-la a Camilo Martins Lage.

Em 1919, foi posta novamente à venda, e o adquirente foi o Dr. Caio Júlio Tavares, que por sua vez, a transferiu, pouco tempo depois, ao cidadão de nacionalidade portuguesa João Manoel da Costa. Costa mantém as atividades da produção cafeeira na fazenda, aproveitando o sistema do beneficiamento do café por força hidráulica, implantado na fazenda ainda no século XIX. Por volta de 1940, Costa resolveu vender a Campos Elíseos a Paulo Mendonça de Oliveira, que resolveu manter a produção de café na fazenda, mesmo que decadente. Paralelamente explorou as atividades do gado leiteiro, que era nesta época a principal atividade econômica das fazendas do Vale do Paraíba.

Mendonça Oliveira residiu no Rio de Janeiro e explorava Campos Elíseos apenas como empreendimento agrícola. Pôs a administração da fazenda nas mãos de seu amigo Moacir César e, por volta de 1955, Campos Elíseos foi posta novamente à venda.

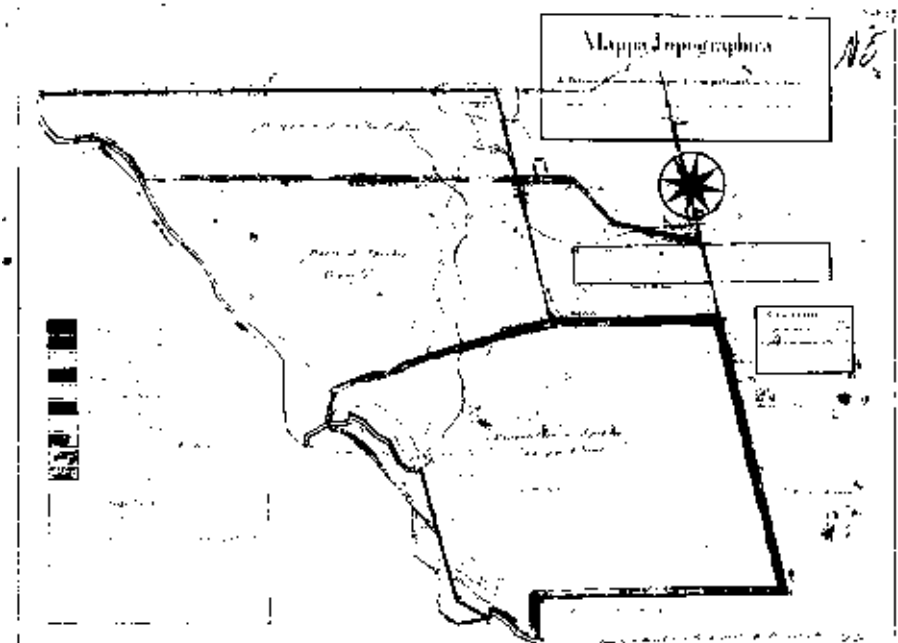
Quase 70 anos depois, Campos Elíseos voltou para as mãos dos Werneck. A fazenda foi adquirida pelo descendente direto do Visconde de Ipiabas, Dr. Marcos Vieira da Cunha. Apaixonado pela história e trajetória de sua família no Vale do Paraíba, trabalhou com afinco na recuperação arquitetônica e histórica das fazendas Guaritá, Campos Elíseos e Santo Antônio, realizando um rico trabalho de reconstituição.



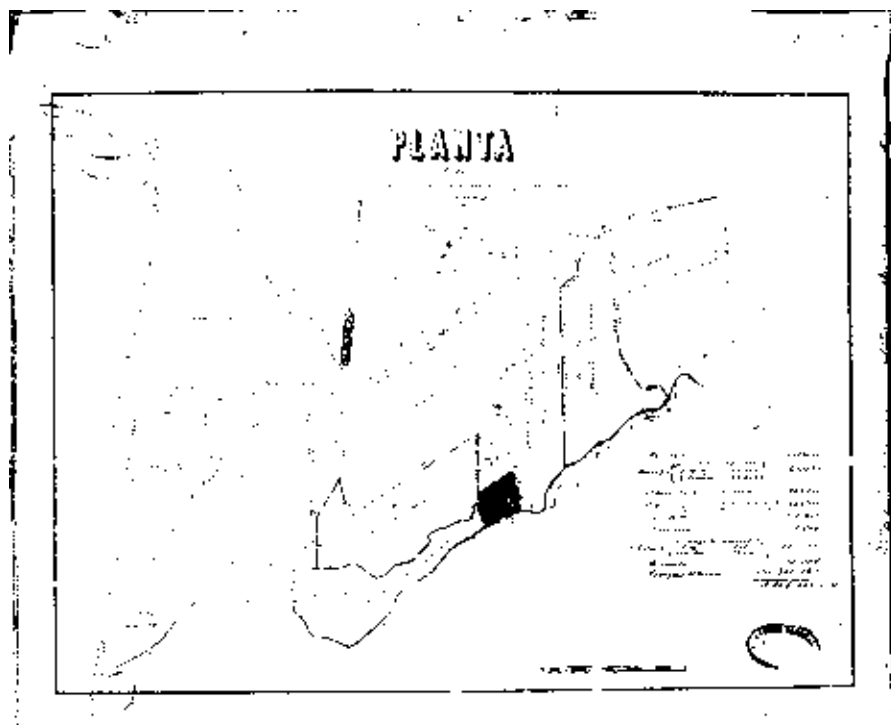
Fazenda Campos Elyseos, s.a., 1950 (Acervo ARTUR)

Em 1985, Dr. Marcos faleceu repentinamente e Campos Elíseos passou a seus herdeiros que, impossibilitados de explorá-la, entregaram a fazenda como pagamento de dívidas ao BCN Arrendamento Mercantil S. A.

Na década de 1990, Campos Elíseos é adquirida pelo empresário carioca Omar Resende Perez, que, em 2000, a vende ao casal Maximo e Luciana Japelli.



Mapa topographica da fazenda denominada Campos Elíseos pertencente ao Snr. Cor<sup>el</sup> Peregrino José de América Pinheiro parte da Sesmaria do finado Cap<sup>m</sup> Joaq<sup>m</sup> José de Araújo Maia. Anno 1852. (Acervo ARTUR)



Planta do terreno pertencente ao espólio do finado Visconde de Ipiabas. s.a., c.1882 (Acervo ARTUR)

